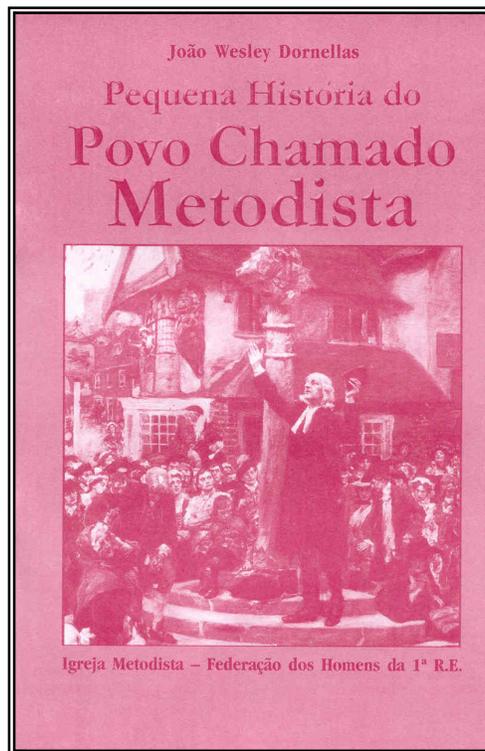


Pequena História do Povo Chamado Metodista

João Wesley Dornellas©

Ex-Professor de História do Metodismo no Seminário Bispo César Dacorso Filho, no Rio de Janeiro. Membro da Sociedade Mundial de História do Metodismo; Membro fundador da Seção Brasileira da Sociedade Mundial de História do Metodismo, da qual foi o primeiro presidente.

(Este livrete foi publicado sob a coordenação da Federação dos Homens da Primeira Região Eclesiástica. Com sucessivas reedições, teve uma distribuição de 10.000 exemplares)



“Linha de Esplendor sem Fim”

A rica história da Igreja Metodista, nascida a partir da Experiência Religiosa de João Wesley, ocorrida em Londres em 24 de maio de 1738, tem sido chamada, por suas grandes contribuições à humanidade, de Linha de Esplendor sem Fim. Surgindo daquela experiência do “Coração Aquecido”, de ordem estritamente espiritual, a Igreja Metodista, contudo, desde o seu início, tem caminhado sempre a segunda milha da fé, prestando serviços inestimáveis em outras áreas, especialmente nas de ação social, de educação, tanto cristã como secular, e de ecumenismo.

Mesmo sem ser um movimento típico de ação social, nenhum outro grupamento

religioso tem se preocupado mais com o ser humano do que o Metodismo. Para Wesley, não há cristianismo a não ser o social. Por isto, durante toda a sua história, o metodismo tem realizado um trabalho que vai além, muito além do mero assistencialismo. A Igreja Metodista nunca se conforma com o *status quo* e está, ao contrário, sempre disposta a mudar as regras do jogo, com soluções criativas e práticas que possam beneficiar o ser humano em suas necessidades e libertá-lo de tudo quanto o escraviza.

Da mesma forma, sem ser um movimento especificamente destinado a oferecer conhecimento, pode-se dizer perfeitamente que uma das características dos metodistas é o seu superlativo comprometimento com a educação do ser humano, traduzido não somente na educação religiosa constante, que lhe dá unidade doutrinária, mas também na educação secular, com universidades e escolas que primam pela excelência do que é ministrado, sempre no espírito do “pensar e deixar pensar” que nos legou João Wesley, que sempre trabalhou em favor de uma educação realmente libertadora.

Essa liberdade, adjetivada pelo respeito às idéias dos outros, fez do Metodismo uma ponta avançada do ecumenismo. Wesley dizia: “se o teu coração está em paz com Deus, como o meu está, dá-me a tua mão, nós somos irmãos”. Não há nenhum grupo religioso que não respeite as convicções ecumênicas do Metodismo, que está sempre disposto, como já tem ocorrido, até a abrir mão do seu nome para uma união com outros grupos cristãos.

Por ser assim, coerente com as idéias e posições de João Wesley e dos que fazem parte dessa nuvem de testemunhas que veio depois dele, os trabalhos que a Igreja Metodista realiza são motivo de admiração e respeito.

As nossas universidades e escolas, presentes em dezenas de países, com milhões de alunos, estão dando exemplo na qualidade de sua educação. No campo da medicina, por exemplo, elas têm desenvolvido, como a SMU, do Texas, cujo Hospital Metodista de Houston tem sido líder em importantes pesquisas na área de cardiologia, inclusive com a invenção do coração artificial. Há alguns anos, os jornais de todo o Brasil destacavam o sucesso das cirurgias sofridas pelo tricampeão mundial de Fórmula 1, Nelson Piquet, no Hospital Metodista de Indianápolis, que faz parte de uma universidade metodista.

Na parte social, abrigos, asilos, orfanatos, hospitais e instituições destinadas à terceira idade, também espalhados em todo o mundo, estão prestando serviços relevantes ao ser humano. No Brasil, essa contribuição não tem sido menor. No campo da terceira idade, temos sido pioneiros, como é o caso do Centro Vivencial de Pessoas Idosas, de Florianópolis, nas boas práticas e respeito a essa parte da população, que está crescendo muito e precisa de atendimento especial.

É assim a Igreja Metodista, empenhada em implantar o Reino de Deus na Terra mas, ao mesmo tempo, como consequência de sua missão religiosa, lutando para melhorar as condições de vida do ser humano, que precisa, entre tantas outras coisas, de emprego decente, de educação, de saúde e bem-estar.

Apresentação

A chamada Experiência Religiosa de João Wesley, ocorrida em 24 de maio de 1738 na Rua Aldersgate, em Londres, acontecimento que mudou a vida de João Wesley – e a da própria Inglaterra – acabou dando origem ao Movimento Metodista, presente hoje em mais de 100 países e com uma comunidade de mais de 50 milhões de pessoas.

Vale sempre a pena lembrar alguns fatos de nossa história e dar uma visão sucinta de algumas particularidades do ministério de João Wesley. Precisamos conhecer mais a história de nossa igreja e recuperar sua identidade, não só nas práticas como também nas suas ênfases doutrinárias, identidade que tem sido ameaçada, de um lado, pela frieza religiosa de muitos e, do outro, em função das “doutrinas” e práticas neo-pentecostais que estão sendo, de maneira indisciplinada e em claro desrespeito às nossas tradições, introduzidas em nossa igreja.

Recuperar e fortalecer a nossa identidade, readquirir a antiga paixão pelas almas, enfatizar a salvação pela Graça, revitalizar o processo de santificação, em busca da perfeição cristã, promover o testemunho do Espírito e seguir as Regras Gerais, estes são alguns dos desafios que o Povo Chamado Metodista de todo o Brasil tem neste princípio de século.

Este livrete, tendo em vista o interesse que despertou nos arraiais metodistas, teve várias edições, sempre revisadas e aumentadas, que foram distribuídas em todo o Brasil, especialmente em congressos e eventos especiais, mercê da ajuda de instituições, como o IALIM e a UNIMEP, e de pessoas que comungam os mesmos interesses. Com esta edição é atingida a marca de 10.000 exemplares que, mais do que a qualidade que esse desprezioso material possa ter, reflete o desejo de um grande número de metodistas em preservar nossa rica herança espiritual e manter a nossa identidade como igreja.

Esta publicação tem por finalidade apenas lembrar, de maneira bem simples, alguns aspectos de nossa história, fé e prática. O seu texto reflete as preocupações que têm entristecido muitos metodistas com a introdução de novas práticas e “doutrinas” em nosso meio.

O grande desafio é recuperar a nossa identidade tão enfraquecida nos últimos anos. A resposta a esses desafios cursa certamente com o conhecimento de nossa história, com o compartilhar do pensamento de João Wesley – muito citado mas pouco conhecido – e com a fidelidade à nossa rica herança de fé e prática. O autor sentir-se-á recompensado se a leitura deste material conseguir inspirar pessoas para que se aprofundem mais no estudo de nossa história e das doutrinas e práticas, todas absolutamente bíblicas, da Igreja Metodista.

João Wesley - origens, nascimento, infância e juventude

João Benjamim Wesley, nascido em 17 de junho de 1703 na cidadezinha de Epworth,

na Inglaterra, era filho, neto e bisneto de pastores, por parte de pai, e neto por parte de mãe.

A Igreja da Inglaterra (Anglicana) era o maior grupo protestante no século 17 no império britânico. Era a igreja oficial e o seu chefe era o Rei. Com o aparecimento de novas leis que disciplinavam o culto e nova organização doutrinária, surgiram grupos religiosos contrários dentro da própria igreja, que desejavam uma igreja mais comprometida e menos burocratizada.. Eram os não-conformistas, que acabaram sendo muito perseguidos. Bartolomeu Westley (1596-1680), bisavô de João Wesley, e João Westley (1636-1678) faziam parte do grupo de pessoas que desejavam uma grande mudança na Igreja. Foram muito perseguidos e o avô de Wesley, de quem herdou o nome, acabou tendo morte prematura aos quarenta e dois anos.

Seu filho Samuel Westley (1662-1735), que mudou seu sobrenome para Wesley, iniciou seus estudos numa academia não-conformista mas acabou concluindo sua formação teológica em Oxford e se tornou pastor da Igreja oficial, sendo ordenado em 1689. No mesmo ano casou-se com Susana (1669-1742), cujo pai, o Dr. Samuel Annesley, era um dos mais importantes líderes do grupo não-conformista. Apesar de toda a herança não-conformista, Samuel Wesley e Susana optaram pela igreja oficial. Depois de servir em Londres por um ano e de ter sido, também durante um ano, capelão a bordo de um navio, Samuel recebeu a paróquia de Epworth, no condado de Lincolnshire, na qual ficou até morrer.

Susana teve 19 filhos mas a maioria deles morreu ao nascer ou logo depois. Quando João nasceu, o segundo menino, seus irmãos vivos eram Samuel e as meninas Emília, Susana, Mary e Mehetabel. Era hábito de Susana, no dia em que os seus filhos completavam cinco anos, ensinar-lhes o alfabeto e, em seguida, utilizando a Bíblia, a ler.

Um dos acontecimentos que, sem dúvida, marcaram a vida de João Wesley e sua grande ligação com a mãe, foi o incêndio da casa pastoral, que ocorreu no dia 9 de fevereiro de 1709, quando Wesley ainda não tinha seis anos. O fato é que alguns paroquianos, insatisfeitos com o pastor, colocaram fogo no prédio enquanto a família dormia. Quando todos já se encontravam fora da casa, notou-se a falta do pequeno Jack – era assim que família lhe chamava – que dormia no segundo andar. Tentaram resgatá-lo mas era impossível pois a escada de madeira já estava em chamas. Samuel pediu aos que estavam ali para ajoelhar-se e pedir a Deus para que recebesse em seu seio a alma de seu filho. De repente, ouvem o choro do menino que, subindo numa cômoda, chegava à janela do seu quarto. Fizeram então uma escada humana, um homem nos ombros de um outro, e salvaram o menino. Logo em seguida, o teto caiu em chamas para dentro de casa.

Em frente da casa, Samuel ajoelha-se novamente e diz: “vinde, vizinhos, ajoelhemos e agradeçamos a Deus que me deu meus oito filhos. Que se vá a casa. Sou suficientemente rico”. Numa das pinturas que retratavam Wesley, ele mandou acrescentar, ao lado de uma casa em chamas, a legenda, “um tição tirado ao fogo”, lembrando o versículo 11 do capítulo 4 de Amós.

Esse episódio deu a Susana, que via no salvamento do filho algum objetivo de Deus em relação a ele, uma preocupação maior com a educação de João Wesley. Em oração que

escreveu logo depois do incêndio, ela dizia: “pretendo ser particularmente cuidadosa, como nunca antes, com a alma desta criança, que tu tens cuidado tão misericordiosamente, para que eu possa inculcar em sua mente os princípios da verdadeira religião e virtude”.

Em 1714, quando tinha onze anos, João Wesley foi levado a Londres para estudar em Charterhouse, uma escola pública, onde era aluno interno. As dificuldades eram muitas, especialmente a falta de recursos para a boa alimentação do menino. Foi aí que o pai lhe recomendou que corresse todas as manhãs dando três voltas em torno dos jardins da escola, um percurso de cerca de três quilômetros. Essa prática de exercícios físicos, que Wesley nunca mais abandonou, acabou sendo responsável pela resistência física que tinha e, talvez, à luz da ciência de hoje, por sua longevidade. Quando tinha 80 anos, ele costumava andar até dez quilômetros para um local de pregação e ainda dizia que o único sinal de velhice que sentia era “não poder andar nem correr tão depressa como antes”. Durante toda sua vida pastoral, Wesley não se cansou de recomendar exercícios físicos aos seus seguidores.

A vocação pastoral

Aos dezessete anos, Wesley, que já tinha grande conhecimento do latim e do grego, vai para Oxford, recebendo uma bolsa de quarenta libras anuais da própria Charterhouse. Estudou no Christ College, bacharelando-se em 1724, sendo eleito lente do Lincoln College no ano seguinte. Nessa época, ainda não tinha definido que profissão escolher. A sua posição de lente lhe permitia escolher entre as mais importantes da época, o Direito, a Medicina ou a Igreja. A Igreja foi para ele inevitável e ele foi ordenado diácono no dia 19 de setembro de 1725. Pregou o seu primeiro sermão em South Leigh, pequena vila na vizinhança de Whitney. Em 1726, foi nomeado professor de grego e presidente das classes. Grande parte desse ano ele passou em Epworth ajudando seu pai na Igreja. Era sonho de Samuel transmitir-lhe por “herança” a sua pequena paróquia. Wesley, contudo, volta a Oxford, onde recebeu o grau de Mestre em artes em 1727.

A tomar sua decisão pelo ministério pastoral, Susanna lhe aconselhou: “o verdadeiro fim da pregação é endireitar a vida dos homens e não entulhar as suas cabeças com especulação inútil”.

Em agosto de 1727, volta a Epworth, onde passa dois anos ajudando seu pai. Anos depois, em avaliação do seu trabalho naquele período, ele dizia com sinceridade: “preguei muito, mas vi pouco fruto do meu trabalho. Nem podia ser de outra forma, pois eu nem firmava as bases do arrependimento nem a fé no Evangelho, julgando que aqueles a quem eu pregava fossem todos crentes, e que muitos deles não necessitassem de arrependimento”.

Chamado de volta a Oxford, passou a ocupar a importante função de moderador na universidade, onde também lecionava Grego, Filosofia e Lógica. Ali ficou até 1735. Foram anos de êxito profissional mas de profunda carência espiritual. Sua religião era formal, fria e a situação da Igreja não era boa. Faltava testemunho, alegria em ser cristão. Nas igrejas, a pregação era negligente, em qualidade e quantidade. Os cultos eram pavorosamente enfadonhos. A comunhão era ministrada apenas trimestralmente.

A única exceção era o Clube Santo, isto é, o grupo de companheiros que procurava, no meio de tanto desalento, manter firme a fé, o estudo bíblico, uma vida de testemunho e de muitas obras sociais. Foi nesse quadro que Wesley, tentando encontrar-se a si mesmo, resolve ser missionário na América, na nova colônia inglesa da Geórgia. O principal motivo de sua decisão, conforme escreveu no dia 10 de outubro de 1735, era “a esperança de salvar a sua própria alma e aprender o verdadeiro sentido do Evangelho de Cristo”. No dia 13, embarcou para a América no navio Simmonds, na companhia de seu irmão Carlos e de dois outros colegas do Clube Santo, Benjamin Ingham e Charles Delamotte,

Durante a viagem, sobreveio um grande temporal e havia risco de o navio afundar. Wesley teve medo de morrer. Havia a bordo um grupo de cristãos moravianos que não interromperam o seu culto enquanto o navio tinha rompido sua vela principal e havia água em diferentes compartimentos. Os moravianos continuaram a cantar calmamente. Esse episódio marcou muito o jovem missionário. Ele não conseguia, apesar de toda a sua cultura bíblica e religiosa, entender o segredo desse estranho desprezo pela morte. Sentia-se culpado, como dizia, pois tinha “o pecado do temor”.

As coisas não saíram na Geórgia como ele esperava e o certo é que fracassou redondamente. Inclusive no amor, já que se apaixonou por uma moça chamada Sofia Hopkey, com quem teve um relacionamento muito tumultuado. Quando volta de uma de suas muitas viagens, ela já havia casado com outro. Ficou tão aborrecido com o fato que se recusou a dar comunhão ao casal, o que causou um grande aborrecimento e quase o levou à prisão. Finalmente, depois de um período de quase dois anos, decidiu voltar à Inglaterra. No dia 22 de dezembro de 1737, ao partir de volta no navio que tinha o mesmo nome de seu pai, fechou-se mais um atribulado capítulo de sua vida.

A experiência do coração aquecido

Pouco antes de desembarcar, Wesley, ainda aturdido com as experiências negativas que tivera na América, declara em seu diário: “Fui à América converter os índios. Oh, Deus, quem me converterá?” Nesse trecho, escrito em 24 de janeiro de 1738, ele faz uma auto-avaliação muito cruel. Na realidade, fazendo um grifo nessa parte algum tempo depois, ele coloca entre parênteses “não tenho certeza disto”. Em outras afirmações durante sua vida, ele nega que, naquela época, ainda não era uma pessoa convertida. Mas que era uma pessoa atormentada, talvez da mesma forma que Paulo a dizer que se sentia um homem miserável porque não fazia o que queria e, exatamente o que não queria, isto fazia, João Wesley certamente era.

Logo depois de desembarcar de volta em Southampton, no dia 1º de fevereiro de 1738, pregou na casa que o hospedara e partiu para Londres, onde teria que prestar contas de sua missão. O episódio da viagem de ida com os moravianos e os contatos que tivera com eles na Geórgia incentivaram Wesley a procurar Pedro Bohler, um moraviano alemão que estava prestes a partir para a América. O encontro foi no dia 7 de fevereiro, uma terça-feira – “um dia para ser lembrado”, como Wesley menciona em seu diário – na casa de um comerciante alemão. Conversaram muito e juntos viajaram a Oxford. Wesley aprendeu

com ele, nas longas conversas que tiveram em latim, a receber o oferecimento bíblico de graça e perdão. Nessas conversas, em que Wesley manifestava as suas convicções, que não passavam pelo amor perdoador de Deus e pela salvação somente pela graça, ele pensou até em deixar o púlpito pois como poderia pregar aos outros quem não tinha a fé salvadora? Recebeu, no entanto, uma sugestão de Pedro Bohler que, apesar de ferir sua racionalidade, foi aceita por Wesley. “De modo nenhum – lhe disse Bohler – pregue a fé até que a tenha; e, então, porque a tem, você a pregará”.

“Assim” – diz Wesley em seu diário – “em 6 de março de 1738, comecei a pregar esta nova doutrina, ainda que minha alma rejeitasse o trabalho.”. Salvação pela fé era um assunto totalmente novo para João Wesley, a despeito do seu perfeito conhecimento das Escrituras. O que ele não esperava era a reação que houve. Apesar da grande aceitação por parte dos leigos, os clérigos, participantes de uma religião fria, não estavam preparados para o que ouviam dos lábios de João Wesley. Ficou sem púlpito para pregar. Quando pregava na igreja de Epworth, que tinha sido durante mais de trinta anos pastoreada por seu pai, acabou sendo expulso no meio do sermão. Saindo do templo, subiu ao túmulo de seu pai, no jardim, propriedade de sua família, e terminou o sermão.

As dificuldades, ameaças e perseguições não afetaram Wesley que, agora, já dizia: “logo que vi claramente a natureza da fé salvadora, proclamei-a sem demora. Deus começou, então, a operar pelo meu ministério como nunca o fizera antes”. Não tinha nenhuma lógica as atitudes dos pastores anglicanos contra Wesley, já que as doutrinas que ele estava pregando eram tão antigas como os apóstolos, eram as mesmas que Lutero, mais de duzentos anos antes já proclamara e que faziam parte dos artigos de religião da própria Igreja da Inglaterra da qual era presbítero.

Sem que Wesley pudesse sequer imaginar, Deus estava tecendo um enredo para sua vida pelo qual, num dia que se aproximava, depois dessa peregrinação racional pelas páginas da Bíblia, ele haveria de entrar na plenitude da experiência que ele mesmo descrevia em seus sermões.

Desde o final do Século XVII, para disciplinar um pouco o trabalho dos não-conformistas, a Igreja Anglicana permitira a criação de sociedades de leigos piedosos que, normalmente, reuniam-se em casas de família. Uma dessas sociedades, fundada por James Hutton, filho do rev.. John Hutton, em cuja casa Wesley se hospedou antes de ir para a América, fazia ponto em Nettleton Court na Rua Aldersgate.

O dia 24 de maio de 1738, que marca a experiência religiosa de João Wesley, começou muito cedo para ele. Quando às cinco da manhã abriu o seu Novo Testamento, leu II Pedro 1:4 : “Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina”. Ao sair, abriu de novo a Bíblia e leu: “não estás longe do reino de Deus”. À tarde, convidado a participar de uma reunião na Catedral de São Paulo, a antífona era o salmo 130: “Das profundezas clamo a ti, Senhor. Escuta, Senhor, a minha voz; estejam alerta os teus ouvidos às minhas súplicas. Se observares, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá? Contigo, porém, está o perdão, para que te temam. Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra. A minha alma anseia pelo Senhor, mas do que os guardas pelo romper da aurora. Mais do que os

guardas pelo romper da manhã, espere Israel no Senhor, pois no Senhor há misericórdia, nele, copiosa redenção. É Ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades”.

Deus estava se apressando no seu enredo. Finalmente, Ele invade a história de João Wesley e muda a sua vida. Ainda alegre pela experiência, Wesley assim a descreveu em seu diário:

“À noite, fui sem grande vontade a uma reunião na Rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus realiza no coração pela fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e uma segurança foi-me dada, de que Ele havia perdoado os meus pecados, sim os meus pecados, e salvou-me da lei do pecado e da morte”.

Aqui estão algumas das palavras de Lutero, que foram ouvidas naquela reunião: “a fé é uma energia do coração, tão eficaz, viva e inspiradora, que é incapaz de permanecer inativa. A fé é uma constante confiança na misericórdia de Deus para conosco, pela qual nos lançamos inteiramente em Cristo e nos entregamos inteiramente a Ele”.

Nessa experiência do coração aquecido, Wesley encontra aquilo que tanto desejara, a transformação de sua religião de temor numa religião de amor. Como dizia, lembrando a parábola do filho pródigo, passou da condição de escravo a filho. Daí, sua relação com Deus, antes apenas legalista, passa a ser uma relação de fé e confiança.

O início do Movimento Metodista

Movido pela experiência da fé salvadora, começou então o Movimento Metodista, no princípio ainda ligado à Igreja Anglicana. O crescimento do movimento foi muito grande e rápido. A cada dia pessoas e mais pessoas se juntavam aos metodistas para experimentarem também a alegria da fé e da confiança em Deus. Nos meses que se seguiram, Wesley se encontrava com pequenos grupos, inclusive moravianos, para reuniões espirituais nas quais a Palavra era pregada. Esses grupos ficaram conhecidos como sociedades. As reuniões não competiam com os trabalhos regulares das igrejas. Normalmente, aos domingos, Wesley e seu irmão Carlos pregavam nos púlpitos das igrejas de Londres. Mas isto não durou muito tempo. O tipo de sermão que pregavam era intolerável para a maioria das igrejas, acostumadas a sermões frios e vazios. O que os irmãos Wesley pregavam eram não só afirmativos da salvação pessoal pela graça mas continham, ainda, um apelo à mudança de vida. Os púlpitos foram sendo fechados para eles por causa dos seus “excessos” e “entusiasmo”. Alguns dos colegas do Clube Santo firmaram posição ao lado de João Wesley. Entre eles, George Whitefield, um dos mais notáveis pregadores daquele tempo. Mais tarde, porque Whitefield era calvinista e cria na doutrina da predestinação, os dois se separaram.

Pouco antes, Whitefield começara a pregar ao ar livre para os empregados das minas de carvão de Kingswood. Wesley não concordava com esse tipo de pregação mas acabou se tornando entusiasta admirador da prática. Quando planejava ir para a América, Whitefield

convidou Wesley para substituí-lo na boca das minas de Bristol. A princípio, Wesley tinha dúvidas em aceitar o desafio. O fato porém é que aquelas pessoas trabalhavam de domingo a domingo e não tinham oportunidade de ir à igreja. Além do mais, porque eram pobres, nem suas famílias tinham acesso aos cultos. A princípio, Whitefield reuniu apenas duzentas pessoas. Logo depois, esse grupo havia aumentado para três mil, cinco mil e até vinte mil pessoas.

Uma das lindas experiências de Whitefield com esse trabalho foi descrita por ele num dos seus sermões. Ao contemplar o mosaico de rostos humanos enegrecidos pelo carvão das minas enquanto pregava, ele via as listras brancas que se abriam à força de lágrimas naquelas faces sujas. Certa vez escreveu: “os céus em cima, os campos adjacentes, a visão dos milhares e milhares, uns em carruagens, uns a cavalo e outros trepados em árvores ,e, às vezes, emocionados e todos juntos banhados de lágrimas, e a tudo isto se acrescentava o cair da noite, formavam um conjunto que era demasiado para mim e me vencia de todo. Bem-aventurados os olhos que vêem o que nós vemos”.

Na primeira vez que foi às minas, Wesley ouviu o sermão pregado pelo colega. No dia seguinte, dois de abril de 1739, Wesley pregou ao ar livre pela primeira vez e a grande multidão pôde ouvir o sermão baseado no versículo “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para anunciar as boas novas aos pobres”.

Mesmo perseguidos pelas autoridades religiosas por pregarem ao ar livre, eles nunca mais abandonaram essa prática, que se tornou uma característica revolucionária do metodismo. Das minas de carvão de Kingswood, passaram a pregar ao ar livre em outros lugares, especialmente nos locais mais pobres de Londres..

Fitchett fala sobre a situação da Igreja na Inglaterra. “A pregação ao ar livre é a melhor expressão do gênio essencial do metodismo. Torna audível aquilo que se pode chamar a sua nota mais imperiosa; também torna visível o seu apaixonado zelo pela salvação dos perdidos, tanto homens como mulheres. Na vida eclesiástica daquele tempo havia pouco do espírito militante. E ainda menos havia de qualquer manifestação do elemento mais divino do cristianismo, da piedade que busca os perdidos, buscando-os com compaixão e com solicitude; não se poupando a fadigas, nem se importando com as dificuldades ou as convenções. Todos os termos da grande parábola de Cristo eram naqueles dias tristes – como é por demais comum – invertidos na própria Igreja de Cristo. Noventa e nove ovelhas estavam extraviadas no deserto e havia uma ovelha bem gorda e bem vestida no aprisco. E ao lado dessa ovelha gorda se achava o pastor, igualmente gordo, que confortavelmente dormia, deixando às noventa e nove no deserto o encargo de procurá-lo. A ovelha desgarrada tinha que procurar o pastor e não o pastor à ovelha. Mas quando Whitefield e os irmãos Wesley, com as portas de mil igrejas trancadas a eles, se postaram perante à multidão de pecadores imundos em Kingswood, ou diante de uma multidão de esfarrapados e viciados de Londres em Moorfield, e proclamaram o Evangelho de Jesus Cristo, então a fé saía de suas trincheiras. A religião sonolenta e comodista daquela época levantou-se de sua poltrona e se tornou agressiva.”

Foi nesse princípio da pregação ao ar livre que Wesley tomou a consciência de que o mundo era sua paróquia. Em seu diário, a 11 de junho de 1739, Wesley escrevia: “Permiti-

me agora dizer-vos quais os meus princípios quanto a este assunto. Considero todo o mundo como a minha paróquia, quero dizer que, em qualquer parte dele em que eu me achar, julgo conveniente, justo e do meu estrito dever anunciar a todos que me querem ouvir as novas de salvação. É esta a obra para a qual eu sei que Deus me chamou, e certo estou que a sua bênção está me assistindo nela”.

O grande avivamento estava em progresso. A cada dia eram acrescentadas ao grupo dos “metodistas” mais pessoas. A maioria de convertidos novos, aos quais se juntava os fiéis da Igreja da Inglaterra, desejosos de uma vida religiosa mais intensa e de participar daquele avivamento e da tarefa de evangelizar.

No princípio, aqueles que seguiam Wesley, se reuniam em diversas sociedades, especialmente a de Fetter Lane, em Londres, fundada pelos moravianos. Mais tarde, porque as práticas daquela sociedade não se coadunavam com o pensamento de Wesley, este rompeu com ela. Nessa época, o grupo já havia comprado uma propriedade em Londres, que era uma antiga fábrica de canhões desativada vinte anos antes em razão de uma explosão. Era a “Foundery”, fundição. Ali havia sala de cultos, onde cabiam mil e quinhentas pessoas, uma escola, a moradia de Wesley, quartos de hóspedes, um estábulo e abrigo para os coches. Também havia salas pequenas para as reuniões dos “bands”. A propriedade estava em ruínas e a reforma custou muito mais do que o próprio valor de aquisição. Foi a primeira propriedade dos metodistas em Londres. Além das reuniões das sociedades, havia cultos públicos de pregação matutina, bem cedo, antes que as pessoas fossem para seus trabalhos, e também à noite.

O trabalho das sociedades era muito importante. Reuniam-se diversas vezes por semana para estudo e criou uma grande camaradagem entre os seus membros, unindo-os para o desenvolvimento do trabalho. Uma das coisas mais importantes dessas sociedades era o trabalho dos “bands”, que era mais distintamente “metodista” do que as sociedades como um todo. Os “bands” eram grupos pequenos, de cinco a dez pessoas, que voluntariamente se reuniam para edificação e apoio espiritual. A confissão e a oração eram a tônica de suas reuniões e seu objetivo era o crescimento espiritual. Eram bem homogêneos, separados por sexos e idades. Também eram agrupadas por estado civil. O objetivo era permitir mais alto grau de abertura e mais franqueza dentro do “band”. O objetivo principal dos “bands” era, no desejo de Wesley, encorajar a fé, agindo através do amor, e que o amor de Deus pudesse ser espalhado abundantemente em seus corações e vidas. Com essa finalidade, eles se reuniam semanalmente para intenso intercâmbio espiritual.

A designação de “metodista” surgiu, de maneira pejorativa, para identificar os jovens que participavam do Clube Santo em Oxford. Depois da experiência religiosa de Wesley, o seu grupo de seguidores passou a ser conhecido pelo mesmo epíteto. Na realidade, se esse nome “metodista” não tivesse se popularizado tanto, talvez o nome mais adequado ao movimento criado por Wesley seria “redencionista” já que a redenção pela graça é uma das maiores tônicas de sua pregação.

O movimento se espalhou pela Inglaterra. Novas sociedades foram criadas e acabou havendo, pelo gênio de Wesley, um grande organizador, uma certa conexionalidade entre

elas. Propriedades eram adquiridas, havia mudança real nas pessoas em direção da santificação. Poderíamos repetir as palavras do livro dos Atos dos Apóstolos para historiar o que estava acontecendo naqueles primeiros anos do metodismo, ou seja exatamente o que acontecia com a igreja primitiva: “Enquanto isto, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos”(At 2:47), “Crescia a palavra de Deus e... se multiplicava o número de discípulos”(At 6:7), “A igreja... tinha paz, edificando-se e caminhando no temor do Senhor e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número”(At 9:31) e “Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia”(At 16:5).

O Quadrilátero de Wesley

Ao analisar o pensamento de Wesley, Albert Outler, um dos maiores conhecedores do espírito do metodismo, sintetizou as linhas básicas da compreensão wesleyana da vida religiosa naquilo que ficou sendo conhecido como o “Quadrilátero de Wesley”.

Para Wesley, as fontes mais importantes da prática metodista são a Bíblia, a Tradição, a Experiência e a Razão. Os quatro são interdependentes e um não pode existir sem o outro. Embora haja uma primazia em relação à Bíblia, os quatro pontos devem instruir toda a nossa reflexão teológica.

A Escritura (a Bíblia) é a nossa única regra de fé e prática. Contém a revelação de Deus. As raízes, para o metodismo, desse primeiro item do quadrilátero, vêm da Reforma protestante do século 16. A grande ênfase de Lutero foi a leitura da Bíblia, naquela época uma atividade quase que privativa dos clérigos. O grande perigo, em relação à Bíblia, é a bibliolatria, isto é, adorarmos a Bíblia em lugar de adorar a Deus.

A tradição, isto é, a doutrina da igreja, os regulamentos, o culto, os costumes. Toda a experiência de séculos de vida cristã precisa ser valorizada. As raízes da tradição são a vida da igreja desde a atuação dos discípulos e o próprio movimento da Reforma. O grande risco, em relação à tradição, é valorizar tanto a tradição ao ponto de se cair no tradicionalismo.

A experiência não poderia ficar de fora. Ela significa a nova vida em Cristo. O Espírito Santo usa a Bíblia e a tradição para trazer-nos à fé. Pela graça de Deus nós recebemos a fé. As raízes da experiência, para os metodistas, estão nas igrejas livres, como o próprio movimento moraviano. O grande risco da experiência é, segundo Wesley, o fanatismo, coisa que ele condenou sempre, especialmente em seu sermão “da natureza do entusiasmo”.

Finalmente, o metodismo é uma religião que faz uso da razão. Quando Wesley dizia que “pensamos e deixamos pensar”, talvez estivesse muito mais nos estimulando a fazer uso da razão do que mesmo mostrar certa flexibilidade doutrinária que ele, realmente, não tinha. Ele dizia sempre: “deixai a razão fazer tudo que ela pode”. O grande perigo, com relação à razão, é o de se cair no racionalismo, isto é, tomar a razão somente como base sem interrelacioná-la com os demais itens do quadrilátero. Porque é justamente por essa interdependência entre Bíblia, Tradição, Experiência e Razão que o metodismo tem sido

considerado *cristianismo equilibrado*.

“Pensar e deixar pensar”

Esta expressão de Wesley tem sido muito mal compreendida. Na realidade, ela era muito mais um estímulo ao uso da razão do que flexibilidade doutrinária. Há que distinguir-se primeiramente que aquela liberdade de pensar se restringia apenas a questões não fundamentais, ou seja, aquelas que não atingem o cerne do cristianismo. Liberdade para pensar, fica muito claro, não implicava em liberdade de cátedra, isto é, permissão para que se pregasse ou ensinasse o que se quisesse. Muita gente usa essa frase de Wesley para justificar suas posições doutrinárias mas essa nunca foi a intenção dele. Mesmo em muitas questões não fundamentais, nunca existiu essa liberalidade por parte de Wesley.

Foi por isto que, mesmo “pensando e deixando pensar”, George Whitefield, amigo de Wesley desde o Clube Santo, um dos grandes nomes do início do movimento e notável orador sacro, não pôde, em virtude de suas convicções calvinistas, permanecer no metodismo, da mesma forma que muitas outras pessoas tiveram de encontrar outras igrejas onde se abrigar.

Para dotar o Movimento Metodista de uma perfeita estrutura doutrinária foi que Wesley selecionou e publicou seus sermões doutrinários e escreveu suas Notas sobre o Novo Testamento. Para dar unidade doutrinária, Wesley foi muito enérgico. Em seu “Model Deed” (Ato Modelo), editado em 1763 para disciplinar o que poderia ser pregado, ele definiu de maneira bem clara as nossas doutrinas essenciais, todas absolutamente bíblicas, que nós, como metodistas, temos que aceitar.

Nesse documento, Wesley foi bastante claro em dizer que nenhuma doutrina poderia ser pregada a não ser aquelas que estão contidas nas “Notas Explanatórias sobre o Novo Testamento” e nos quatro livros de sermões de Mr. Wesley”. Portanto, o “pensar e deixar pensar” de Wesley tem limites que ele mesmo impôs. Por isto que, na Igreja Metodista do Brasil, apesar do que andam pregando por aí, está bastante claro o papel de João Wesley em nossas ênfases doutrinárias. Em nossa Constituição, nossa lei maior, está dito no artigo 4º que “ a Igreja Metodista adota os princípios de fé aceitos pelo Metodismo Universal, os quais têm por fundamento as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos, testemunho escrito da revelação divina, dado por homens movidos pelo Espírito Santo, as quais contêm tudo quanto é necessário para a salvação e são suficiente regra de fé e prática para os cristãos”. O primeiro parágrafo daquela artigo diz que “a tradição doutrinária metodista orienta-se pelo Credo Apostólico, pelos Vinte e Cinco Artigos de Religião do Metodismo histórico e pelos Sermões de João Wesley e suas Notas sobre o Novo Testamento”. Mais claro do que isto é impossível.

A importância do conhecimento

Na maneira de Wesley observar as coisas, o conhecimento era a contrapartida crucial

para a piedade vital. Na época em que vivia, só uns poucos podiam adquirir o luxo do conhecimento. A ignorância acabava sendo um entrave para a própria aceitação das verdades bíblicas. Assim, desde o início, o Movimento Metodista adquiriu a boa prática de semear escolas e de valorizar o conhecimento, não só o bíblico mas o geral também.

É impressionante a cultura de Wesley com relação ao que a humanidade tinha escrito até o século em que viveu. Ele registrou a maioria das leituras que fez a partir de 1725 e esse registro – é Outler quem cita – inclui mais de mil e quatrocentos autores diferentes em três mil textos distintos, que vão desde folhetos até coleções em doze volumes, envolvendo não só leituras religiosas mas história, geografia, etc. Ele conhecia bem os clássicos gregos e latinos. Horácio é mencionado vinte vezes em seus sermões, Virgílio dezenove, Ovídio dez, Cícero nove. Suas fontes clássicas vão de Platão e Aristóteles a Santo Agostinho e Kempis. Shakespeare, que “Wesley chamava de “o nosso poeta pagão”, é citado abundantemente em sua obra.

O mesmo Outler, ao mencionar essas leituras de Wesley, diz que “uma coisa é clara: se alguém se propõe a fazer teologia no espírito wesleyano, essa pessoa deve aprender a ler e amar a leitura; a recordar e a refletir sobre toda classe de sucessos e idéias em nossa herança humana e em nosso mundo atual como se estivesse dirigindo, ele também, pela compulsão de uma mente investigadora como o foi a de Wesley”.

Mas como conciliar isto com a declaração de Wesley que era homem de um livro só, ou homem da Escritura somente? Na realidade, ele nunca quis dizer “nenhuma outra coisa mas só a Escritura”. Como também, ser homem de um livro só nunca significou excluir os outros livros de sua lista de leituras. O que ele queria dizer é que a Bíblia era sua primeira e última norma para estabelecer a validade de qualquer discussão teológica.

A preocupação com o conhecimento ia a tal ponto que ele exigia de seus pregadores que fizessem a escolha, ou adquirir o hábito da leitura e ler muito ou voltar aos antigos ofícios. Wesley era um homem muito prático. Por isto, além de mandar ler, ele providenciava livros para seus pregadores lerem.

Assim, para aumentar o conhecimento, Wesley tomou duas providências que se completavam. Primeira, a de criar escolas, segunda a de editar livros. Na “Fundição”, havia uma escola. Na região de Bristol, foi logo criada uma escola para que as crianças pobres que deviam aprender não só a “ler, escrever e fazer contas, mas antes particularmente, com a ajuda de Deus, a conhecer a Deus e Jesus Cristo a quem Ele enviara”.

Quando falamos da edição de livros, tarefa bem difícil para a época, temos que valorizar ainda mais a visão de João Wesley. O Movimento Metodista teve como um dos alicerces do seu crescimento a publicação e ampla distribuição de livros e materiais cujo objetivo era fazer, ensinar e manter discípulos. Com a aquisição da “Fundição”, nela foi reservado um local para a produção gráfica e venda de livros e publicações, tudo sob a orientação direta de João Wesley. Assim começou para o Metodismo o importante ministério da comunicação escrita. Com o crescimento do movimento, o número de materiais publicados aumentava constantemente, bem como sua aceitação. Cada circuito,

isto é, um número de sociedades que eram assim agrupadas para efeito de supervisão – seria o nosso distrito de hoje – era religiosamente abastecido de livros que eram vendidos aos membros de cada sociedade.

Temos que ressaltar a grande visão de marketing de João Wesley. Por isto, além de publicar bons livros, ele se preocupava com dois aspectos fundamentais. O primeiro deles, a distribuição. Se os livros não são facilmente encontrados, acabam não sendo vendidos e, portanto, não lidos. Além da distribuição, os livros tinham que ser baratos pois o povo metodista estava nas camadas mais pobres da população. Com relação à distribuição, os pregadores metodistas costumavam carregar consigo sacolas especiais com livros. A necessidade de instruir os fiéis e a criatividade de Wesley acabaram fazendo com que ele se transformasse num grande inovador. Naquela época os livros custavam muito caro, sendo impressos em prensas manuais e a composição era feita em tipografia muito rudimentar. Os livros tinham capa dura para protegê-los melhor. Wesley era contudo um homem muito prático. Como precisava melhorar o sistema de distribuição, era preciso aliviar o peso das sacolas dos pregadores – vendedores de livros itinerantes – e os custos da produção dos mesmos. Foi assim que Wesley inventou a encadernação em brochura, isto é, livros de capa mole, muito mais fáceis de encadernar, mais baratos e muito mais leves. Também, através de pequenos livros, Wesley pode ser considerado o inventor dos “pocket books”. Utilizando essa criatividade e tendo como preocupação fundamental a formação dos seus pastores e leigos, Wesley escreveu mais de quatrocentos trabalhos, alguns até sobre medicina. Vendendo barato para vender mais, com contínuas reimpressões. Os seus sermões pregados num domingo eram impressos e, já no domingo seguinte, eram colocados à venda e distribuídos pelos pregadores em suas sociedades. Com tamanho volume de vendas, Wesley poderia ter feito uma fortuna com direitos autorais. Na realidade, porém, toda a renda da venda dos livros era reinvestida em novas edições e novos livros, sem nenhum lucro pessoal para ele.

O metodismo e a educação

O Metodismo já nasceu preocupado com a educação, não só nos aspectos religiosos, realmente prioritários, mas na formação total do ser humano. Na visão de Wesley, o conhecimento era “a contrapartida crucial para a piedade vital”. Ou, como dizia Carlos Wesley num hino para crianças preparado para a inauguração da escola de Kingswood, “unir os dois separados há tanto tempo, conhecimento e piedade vital”. Por isto, as sociedades metodistas, tão logo fundadas, procuravam dispor de escolas para ensinar crianças a preparar-se para a vida mas essa preocupação não se restringiu somente às crianças. Além de educação básica para crianças, Wesley cuidou do preparo dos pastores. Em 1747 surgiu o primeiro seminário teológico metodista em Newcastle, na Inglaterra. Não bastava transmitir conhecimentos ao povo que se achegava ao movimento. Era preciso, na visão de Wesley, preparar também os seus pregadores e seus líderes.

A recomendação aos seus pregadores era no sentido de que, pelo menos, cinco horas a cada dia fossem reservadas à leitura. “Sem ler intensamente” – dizia Wesley – “ninguém pode ser um pregador profundo nem tampouco um completo cristão”. Criando salas de leitura, colocando os livros nas mãos do povo, o metodismo, como afirma Baez Camargo,

“foi, em uma palavra, o primeiro grande movimento moderno de educação de adultos e de difusão popular da cultura”. Os pregadores metodistas eram instados a pregar em favor da educação.

No ano de 1748, no dia 24 de junho foi fundada a Escola de Kingswood, em local próximo às minas de carvão. Essa escola funciona até hoje, tendo comemorado festivamente em 1998 os seus 250 anos de pleno funcionamento, hoje com variados cursos para todas as idades e um centro internacional. Vale a pena voltar ao seu início e verificar – e até achar exageradas à luz dos princípios educacionais de hoje – o rigoroso currículo da escola, naquela época destinada a crianças, especialmente a filhos dos pregadores metodistas. A lista de matérias incluía leitura, escrita, aritmética, francês, latim, grego, hebraico, retórica, geografia, cronologia, história, lógica, ética, física, geometria, álgebra e música. Para facilitar o ensino dos idiomas, João Wesley preparou gramáticas do inglês, do latim, do francês, do grego e do hebraico. O texto dessas gramáticas foi preservado e faz parte da Coleção Jackson que reúne 14 livros com obras de João Wesley.

Uma crítica que se pode fazer a João Wesley em termos pedagógicos, ele que tinha uma visão tão ampla da educação, era de que ele não reservava tempo para recreação. Ele simplesmente justificava isto dizendo que “aquele que brinca quando criança, brincará quando for adulto”. Felizmente, as escolas metodistas espalhadas ao redor do mundo nunca seguiram essa esdrúxula regra de Wesley, todas elas dedicando instalações e correta orientação para as atividades lúdicas e para a prática de esportes. A exceção à regra, embora Wesley as indicasse porque era benéfico para a saúde, eram as práticas de exercícios físicos, especialmente caminhadas longas e corridas.

Voltando à escola de Kingswood, de seus alunos se esperava que na última série, as crianças pudessem repetir a *Ilíada* de Homero, que fizessem versos em grego e lessem a bíblia hebraica. João Wesley estava convencido, como informa Richard Hatzenratter, que qualquer estudante que completasse o currículo de Kingswood seria um estudante melhor do que noventa por cento dos graduados em Oxford e Cambridge.

O metodismo americano continuou, e certamente ampliou, esse amor à educação, criando escolas de inegável valor, que se transformaram em poderosas universidades metodistas espalhadas por todo o território americano, sendo algumas delas líderes em suas áreas de formação. O metodismo brasileiro também recebeu essa saudável influência e, assim, ainda no século 19, começou a plantar escolas, das quais as mais antigas são o Colégio Piracicabano, que acabou gerando a UNIMEP, e o Instituto Granbery, de Juiz de Fora, agora sob a orientação daquela. O século 20 marcou, desde o seu início, a criação e o crescimento das escolas metodistas, em todos os níveis, que se espalham por várias regiões do Brasil, sendo pioneiras em diversos setores e oferecendo sempre ensino de máxima qualidade. A Igreja Metodista tem hoje no Brasil duas universidades, a UNIMEP, sediada em Piracicaba, e a UMESP, em São Bernardo do Campo, e diversas outras escolas, do maternal aos cursos superiores, muitas delas no caminho de se tornarem Centros Universitários e, posteriormente, universidades, embora exista um plano da criação da Universidade Metodista do Brasil, que reuniria todos os cursos superiores ministrados pelas instituições metodistas.

Hoje, na Igreja Metodista brasileira existe, um documento oficial chamado “Plano de Vida e Missão da Igreja”, no qual ocupa lugar de destaque a área de educação, que é definida “como parte da missão” e que “é o processo que visa oferecer à pessoa e à comunidade uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz do Reino de Deus”.

Nesse documento são firmadas as linhas mestras de atuação nas três áreas de educação da Igreja, a educação cristã, que prepara os seus membros para uma vida de testemunho cristão, a educação teológica, que capacita leigos e clérigos para a Vida e Missão numa dimensão profética, e a educação secular, que “oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade, segundo a Missão de Jesus Cristo”.

Os sermões de Wesley

Eles constituem uma das bases da compreensão metodista da Bíblia. Wesley pregou mais de 40.000 vezes. Não se trata de 40.000 sermões já que, muitas vezes, ele repetia os sermões por onde passava Grande parte dos seus sermões se perdeu, embora constem anotações em seu diário. Cento e quarenta e um, em numeração feita pelo próprio Wesley, estão disponíveis na coleção Jackson (que tem 14 volumes) ou em CD-ROM. Cinquenta e dois deles, sendo um de Carlos Wesley, são considerados os sermões doutrinários básicos de nossa Igreja. Já foram editados em português algumas vezes, em dois volumes, mas a obra está esgotada. A Imprensa Metodista está publicando uma nova edição, com doze livros, contendo os 52 sermões. Até agora só foram editados cinco livros, abrangendo 22 sermões. É uma tradução muito boa e uma de suas características é o enorme número de referências bíblicas, num trabalho de pesquisa muito bem feito.

Essa era a realidade dos sermões de Wesley, sua base sobre a Bíblia. É por isto que se diz que os metodistas não se caracterizam por nenhuma doutrina exclusiva, já que todas as suas ênfases doutrinárias estão solidamente apoiadas na Escritura. Neles, nós podemos perceber como Wesley juntava inspiração ao conhecimento, a certeza da graça salvadora de Jesus à eloquência, o convite para “ir e pregar” ao seu exemplo, sempre disposto a trabalhar, a paciência com o sentido de urgência, tudo de maneira bíblica, persuasiva, amorosa.

Por isso é que os sermões de Wesley levavam à conversão, à mudança de vida e a um incansável trabalho de evangelização. Uma de suas principais frases é, sem dúvida, “nada a fazer a não ser salvar almas”. Um dos segredos de sua pregação foi desvendado por um dos seus convertidos que se transformou num grande pregador leigo, João Nelson. Ao mencionar um sermão que Wesley pregou em Moorfield, ele dizia: “Ele dirigiu o seu rosto para o lugar onde eu estava de pé; pensei que tinha os olhos fixos em mim. Antes de ouvi-lo falar, ele fez oscilar o meu coração como o pêndulo de um relógio, e quando na realidade falou, pensei que toda a pregação era dirigida a mim”.

Ao final do sermão, Wesley disse: “Quem és tu que agora vês e sentes tua impiedade interna e externa? Tu és o homem! Quero-te para meu Senhor, desafio-te a que te prepares para ser filho de Deus pela fé. O Senhor tem necessidade de ti. Tu que sentes que és tão só digno de promover sua glória – a glória de sua graça gratuita, a que justifica o ímpio e aquele a quem tudo é indiferente. Oh! Vem ligeiro! Crê no Senhor Jesus e tu, tu mesmo, serás reconciliado com Deus”.

Quando o sermão terminou, ainda sob o impacto do convite-desafio, Nelson disse dentro de si mesmo: “Este homem pôde revelar os segredos do meu coração mas não me deixou ali e mostrou-me o remédio, a saber, o sangue de Cristo”.

Esta era a técnica de pregação de Wesley. Damos graças a Deus porque ele inspirou muitos pregadores – a grande maioria de leigos – a levar pecadores ao arrependimento e a desafiar-los a fazer o mesmo.

Ao publicar o primeiro volume dos seus sermões, em 1747, João Wesley escreveu um prefácio que é, na realidade, uma introdução a todos os seus sermões. Logo no princípio, ele diz: “todo o homem sério que ler esses sermões verá da maneira mais clara possível as doutrinas que aceito e ensino, como as essenciais da verdadeira religião.

Wesley se propõe a “expor a verdade clara para o povo simples”. Assim, ele dizia que evitara todas as palavras que não fossem do uso comum, evitando usar termos técnicos que “soam aos ouvidos do povo comum como uma língua desconhecida”. Essa preocupação com a comunicação, que significa “pôr as coisas em comum”, é uma das características de todos os ensinamentos dele. O que Wesley queria conhecer era exatamente o que queria que todos os metodistas conhecessem: “uma coisa desejo conhecer, o caminho do céu e como ancorar naquela praia feliz”. Ele afirma ter registrado nos sermões o que achou na Bíblia acerca do caminho para os céus, “visando também distinguir o caminho de Deus de todos aqueles que são invenções humanas. Empenhei-me” – diz ele – “em descrever a religião verdadeira, bíblica, experimental, cuidando para não omitir coisa alguma que realmente lhe faça parte, nem acrescentar nada que não lhe pertença”.

Assim, é necessária a leitura atenta dos sermões de Wesley para que se possa saber o que é realmente essencial para um metodista. Como eles tratam dos principais temas da nossa vida religiosa, como a Bíblia, os atributos de Deus, especialmente como redentor, a pessoa e a obra de Jesus Cristo, a obra do Espírito Santo, a natureza geral da salvação, a salvação pela graça, a graça salvadora, a justificação pela fé, o novo nascimento (regeneração), o processo de santificação, o padrão moral, a natureza da Igreja, o ministério, os sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor, é imprescindível para os metodistas a leitura e o estudo dos sermões doutrinários de Wesley. Depois de uma leitura atenta, cabe fazer um juízo de valor, identificando as coisas que estão sendo ensinadas em nossa Igreja em desacordo com aqueles padrões de doutrina e exigindo o retorno à pregação original. Com desconhecimento do que representa ser verdadeiramente metodista, isto é, sem ler os sermões de Wesley, nossas queixas serão em vão.

O conteúdo dos sermões de Wesley

Todos os sermões dele são essencialmente bíblicos. Apesar do seu grande conhecimento, conforme foi visto anteriormente, Wesley se considerava um homem de um livro só, isto é, a Bíblia. O que ele queria dizer era que a Escritura era sua primeira e última norma para estabelecer a validade de qualquer discussão teológica. “Isto significava”, como diz Outler, “a imersão total de sua vida na Escritura: em suas línguas originais, em seus temas e imagens dominantes, em todas as suas partes e em sua integridade orgânica”. Por isto é que Wesley ia combinando naturalmente textos e paráfrases bíblicas, aqui e acolá, de modo que o que ele falava, ou escrevia, muitas vezes parecia um texto bíblico mas era, na realidade, uma combinação de textos bíblicos. O Dr. Outler, em seu livro “Theology in the Wesleyan Spirit” (Teologia no Espírito Wesleyano), não traduzido para o português, nos dá um exemplo tirado do sermão “Sobre o Pecado Original”, nº 44:

“A Escritura afirma que pela desobediência de um homem, todos os homens foram constituídos pecadores; que em Adão todos morreram, morreram espiritualmente, perderam a vida e a imagem de Deus; que o caído, o pecador Adão, então gerou um filho à sua semelhança; nem era possível que o gerasse de outra forma, porque quem pode criar uma coisa limpa de uma suja? Portanto, nós como os outros homens estamos, por natureza, mortos em nosso pecado e transgressões, sem esperança, sem Deus no mundo, e portanto somos filhos da ira; de tal maneira que cada homem pode dizer, fui formado em iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe; de que não há diferença, que todos pecaram e carecem da glória de Deus, dessa gloriosa imagem de Deus, na qual o homem foi originalmente criado”.

“Assim” – diz Outler – “obviamente vocês podem reconhecer que essa linguagem é verdadeiramente ‘bíblica’, porém se lê como se tivesse sido cortada e colada”. O texto acima, em sua totalidade, está composto de material retirado de Rm 5:19, 1 Co 15:22, Gn 5:3, Jó 14:4, Ef 2:1,12 e 3, Sl 51:5 e Rm 3:22-23, nesta ordem.

No citado livro de Outler, ele nos dá informação de pesquisa que fez em 13.739 textos registrados, no todo ou em parte, dos mais de quarenta mil sermões pregados por Wesley. Os dados nos dão uma pista muito boa das prioridades na pregação dele. O texto bíblico que Wesley usou com mais frequência, 190 vezes, foi “Arrependei-vos e crede no evangelho (Marcos 1:15). Seguem-se os versículos 6 e 7 de Isaías 55: “Buscai o Senhor enquanto se pode achar...” e “deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar”, que foram pregados 90 e 112 vezes, respectivamente. A soma dos três, 392, sugere claramente que a primeira preocupação de Wesley era a chamada ao evangelho do arrependimento e a promessa de perdão.

Outros textos favoritos de Wesley eram: 2 Co 8:9 “pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que por sua pobreza vos tornásseis ricos” (167 vezes); Ef 2:8 : “porque pela graça sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (133 vezes); Gl 6:14: “mas longe esteja de

mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo” (129 vezes). Assim, se vê que a chamada de Wesley ao arrependimento estava sempre ligada ao oferecimento do evangelho da reconciliação através de Cristo e da salvação pela graça. Assim, pois, seus seis textos favoritos são todas variações da mensagem central do evangelho: arrepender-se e aceitar a graça de Deus em Cristo.

Uma curiosidade, que também aprendemos com Outler, é que pregou 1.362 vezes sobre Mateus, 965 vezes sobre Hebreus e 910 vezes sobre João. No Novo Testamento, não se registram pregações sobre Filemon e 3 João. No Antigo Testamento, são 688 sermões sobre Isaías, 624 sobre os Salmos e 208 sobre Jeremias. Não há indícios de haver pregado sobre textos dos livros de Esdras, Ester, Cânticos dos Cânticos, Obadias ou Naum.

Uma curiosidade, que também aprendemos com Outler, é que pregou 1.362 vezes sobre Mateus, 965 vezes sobre Hebreus e 910 vezes sobre João. No Novo Testamento, não se registram pregações sobre Filemon e 3 João. No Antigo Testamento, são 688 sermões sobre Isaías, 624 sobre os Salmos e 208 sobre Jeremias. Não há indícios de haver pregado sobre textos dos livros de Esdras, Ester, Cânticos dos Cânticos, Obadias ou Naum.

“Deus começa a sua obra com as crianças”

A frase acima é de autoria de João Wesley, que aprendeu a ler na própria Bíblia pelas mãos de sua mãe Susana. Em sua longa vida ele nunca deixou de se preocupar com os corações e as mentes das crianças. Apesar do exemplo de Jesus e de suas recomendações, feitas repetidas vezes, a verdade é que, durante quase 1.800 anos, as crianças não tiveram lugar nem vez na vida da Igreja. Como também não tiveram na própria sociedade. Ao Movimento Metodista – e a João Wesley certamente – o cristianismo deve hoje o interesse pelas crianças.

O surgimento da Escola Dominical no seio do Movimento Metodista, um dos primeiros espaços conquistados pelas crianças numa igreja cristã, se deveu sem dúvida àquelas preocupações de Wesley. Já em Savannah, na Georgia, onde servia como missionário, Wesley se reunia com crianças para ensiná-las no caminho da Bíblia. Alguns chegam até a achar que ali é que foi inventada, por Wesley, a Escola Dominical.

Em toda a sua vida, Wesley nunca se descuidou do trabalho com as crianças. O seu Diário tem muitas citações de encontros pastorais com as crianças. Nos seus sermões, ele não se cansava de falar sobre o assunto. Há alguns bem específicos, que ainda não foram traduzidos, como “A Religião Familiar” (nº 94), “A Educação das Crianças”(nº 95) e “Obediência aos pais”(nº 96).

No primeiro dos sermões citados, Wesley diz o seguinte: “Vocês devem particularmente esforçar-se para instruir seus filhos bem cedo, de maneira simples, freqüente e pacientemente”. Eu chamo esses conceitos práticos de “Leis de Wesley para o ensino de crianças”. O cedo para Wesley era a primeira hora em que os pais percebessem que a razão começava a alvorecer em seus filhos. E ele dizia que isto acontecia mais cedo do que se poderia supor, fato que a ciência só comprovou mais de dois séculos depois.

Uma das “dicas” de Wesley era: “quando uma criança começa a falar, você pode estar certo de que sua razão começa a trabalhar”. Outra recomendação dele é a simplicidade, que é fundamental em educação. “Use somente as palavras que uma criança pode entender”.

“Se você quer ver o fruto do seu labor, você tem que ensiná-las não só cedo e de maneira simples mas freqüentemente também. Será de pequeno ou nenhum valor se você o faz apenas uma ou duas vezes por semana. Com que freqüência você alimenta seus corpos? Não menos do que três vezes ao dia. A alma é de menor valor do que o corpo?”

Por último, Wesley enfatiza a paciência e a perseverança na atividade de ensinar as crianças: “nunca pare, nunca interrompa seu labor de amor até que você veja os frutos dele”. Como pastor de pastores, Wesley não se cansava de recomendar diligência no trabalho com as crianças. Ele os exortava para reuni-las em *bands* (classes) pelo menos duas vezes por semana. Quando algum pregador se desculpava dizendo que não tinha esse dom, a resposta de Wesley era clara e incisiva: “Com dom ou sem ele, você deve fazer isso; do contrário, você não foi chamado para ser um pregador metodista”. Nos exames de admissão para novos pregadores, os roteiros (*minutes*), preparados por ele em 1766, incluíam uma pergunta específica, na realidade uma determinação de Wesley: “você instruirá diligente e cuidadosamente as crianças e as visitará de casa em casa?”

Infelizmente, as estatísticas mostram que, em nossa Igreja, os segmentos etários não têm a mesma representatividade da população brasileira. Somos uma igreja com mais adultos e idosos e menos crianças, adolescentes e jovens. Se não mudarmos esse estado de coisas, é fácil prever que o futuro não será bom. Muitos em nossa igreja talvez prefiram trabalhar mais pelas conversões traumáticas de adultos do que investir no antigo e eficiente processo de *iluminação*, ou seja, o do “educa a criança no caminho que deve andar”.

Quando os pastores e os líderes leigos das igrejas se interessam mais pela Escola Dominical e pelo trabalho com as crianças, os frutos aparecem a “cento por um”, que é a medida bíblica para o crescimento.

Podemos afirmar que nenhum pastor metodista já falou para crianças na proporção de João Wesley. No seu Diário (20.4.1788), ele menciona ter falado em Bolton às três da tarde para um público de 900 a 1000 crianças. Diz ele: “Eu nunca tinha visto nada igual. Que belos hinos cantavam juntos, nenhuma delas fora do tom. A melodia soava melhor do que se pode ouvir num teatro. O melhor de tudo é que elas realmente crêem em Deus e a maioria conhece a verdadeira salvação. Elas são modelo para toda a cidade. Em grupos de, 8 ou até 10 crianças juntas, elas visitam os pobres e os doentes para encorajar, confortar e orar por eles”. Foi mencionando aquela escola dominical que, em carta a Alexandre Suter, Wesley afirmou : “eu amo muito a Escola Dominical. Ela tem distribuído o bem em abundância”.

A Escola Dominical de Newcastle, fundada por Charles Artmore, tinha mais de 1.000 crianças matriculadas e 70 professores. No dia 8 de junho de 1789, uma terça-feira, à noite, Wesley já com 86 anos, falou para 600 ou 700 crianças dessa escola. Dias antes ele havia falado para as crianças de Wigan e ele revela que as ruas ficaram vazias de crianças, que estiveram reunidas durante todo o dia na igreja.

Para terminar este capítulo, cabe uma pergunta. O que aconteceria à nossa Igreja se pudéssemos ter um número tão grande de crianças em nossas escolas dominicais? Se os precursores do Metodismo, com todas as dificuldades do século XVIII conseguiram, por que não podemos fazer o mesmo? Claro que podemos! Se temos os dons e os meios, por que não utilizá-los nesse trabalho? Se não os temos, por que não pedir a Deus para obtê-los?

Se Deus, como dizia Wesley, começa a sua obra com as crianças, nós vamos começar com quem?

O Metodismo e a Escola Dominical

A Escola Dominical, a mais importante agência de aprendizado bíblico e de evangelização da igreja, é uma invenção metodista. Wesley, quando estava em sua missão na Geórgia, já havia começado um trabalho especial de ensino bíblico para crianças. Mas a glória da criação da Escola Dominical cabe a uma mulher chamada Hanna Ball. Ela aceitou a Cristo através de um sermão de João Wesley no dia 8 de janeiro de 1765, quando tinha 22 anos. O sermão foi sobre Mateus 15:28: “Disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé. Faça-se contigo como queres”. A partir daquele dia ela se tornou uma grande batalhadora da fé. No ano de 1769 ela criou a primeira escola dominical. O testemunho de Wesley ao trabalho de Hanna é eloqüente. Em muitas de suas cartas ele valoriza o trabalho por ela desenvolvido.

Onze anos mais tarde, em Gloucester, um jornalista metodista, Robert Raikes, criou a primeira escola dominical para os meninos de rua, ensinando-lhes, além da Bíblia, aritmética e inglês.

Só como curiosidade, a introdução da escola dominical no Brasil também se deve à Igreja Metodista. A primeira escola dominical em nossa terra foi fundada pelo Rev. Justin Spaulding em junho de 1836. Também é pioneirismo metodista a publicação de revistas para a escola dominical. O Rev. Ransom, o fundador do Expositor Cristão, editou, na nona década do século XIX as revistas “A nossa gente pequena”, para crianças, e “A Escola Dominical”, para adultos. Essa maravilhosa instituição é fator importante na ministração de conhecimentos bíblicos e orientação para o bom exercício da fé cristã. Por isso, é dever de todo o bom metodista participar de suas atividades.

A religião social

O metodismo é uma religião social. Para Wesley, “o Evangelho de Cristo não conhece outra religião que a social nem outra santidade que a social. Este mandamento temos de Cristo, que o que ama a Deus, também ame a seu irmão”. Para o cristão, havia dois caminhos que se completavam, os atos de piedade e os de misericórdia. Por aqueles, o cristão expressa sua vida religiosa e participa dos meios de graça, especialmente a oração, a leitura da Bíblia e a participação na Ceia do Senhor. Pelos atos de misericórdia, o cristão expressa o seu amor ao próximo, à justiça e a uma vida digna.

Por isto, o Movimento Metodista está presente em todas as grandes conquistas sociais em todo o mundo. Foi o grande responsável pela abolição da escravatura negra, na Inglaterra e em suas colônias, mesmo combatendo interesses econômicos mais fortes do que aqueles que lastreavam, um século depois, a escravidão no Brasil. O Metodismo lutou também contra a escravidão "industrial". No início da chamada Revolução Industrial, os metodistas, Wesley à frente, lutaram contra a exploração de mulheres e crianças, lutavam pela humanização das oficinas e fábricas, defendiam a redução da jornada de trabalho, que era de doze horas, e reivindicavam aumento de salários para os trabalhadores. O sindicalismo inglês, o pioneiro no mundo, nasceu na Igreja Metodista. Dos seis primeiros mártires do sindicalismo inglês, no princípio do século 19, três eram pregadores metodistas, dois eram membros da Igreja Metodista e o último, pelo testemunho dos primeiros, também se tornou um metodista.

Chegada ao Brasil no meio do século 19, a Igreja Metodista tem aqui as mesmas preocupações sociais. O Povo Chamado Metodista está convicto de que o Reino de Deus somente será implantado na terra quando todos os seres humanos, sem distinção de nenhuma espécie, puderem igualmente aproveitar as bênçãos da vida em sua plenitude.

O trabalho dos leigos

No princípio, só os pastores ordenados é que participavam das atividades da pregação. O problema é que o número de sociedades e de fiéis crescia mais do que o de pastores ordenados pela Igreja da Inglaterra. Como o Movimento Metodista não era uma igreja legalmente constituída, só eram utilizados os pastores daquela igreja que tivessem aderido a ele. Não eram muitos. Além de sua mãe Susanna, que ensinava e pregava, apareceu, logo no início, um jovem que pregava muito bem. Seu nome era Thomas Maxfield, pedreiro de profissão. Wesley havia feito uma longa viagem. Quando soube que havia um homem sem ordenação eclesial pregando na Fundação, ele mudou seus planos e, de Bristol, voltou incontinentemente para Londres para pôr fim a tal desordem. Quem evitou o atrito foi Susanna, mãe de Wesley, que lhe deu um sábio conselho: "Tem cuidado, João, com o que vai fazer daquele jovem, pois ele é certamente tão chamado para pregar como tu. Examina quais os frutos de sua pregação e, então, ouve-o tu mesmo".

Aceitando o conselho, ouviu Maxfield e afirmou: "É do Senhor, faça Ele como lhe aprouver" A partir daí, os leigos foram admitidos nas sociedades como pregadores. Cinco anos depois, ou seja, em 1744, já eram mais de quarenta os pregadores leigos que ajudavam Wesley em seu trabalho. Enquanto ele e Carlos viajavam de um lado para outro da Inglaterra, os pregadores leigos cuidavam das sociedades e pregavam a Palavra.

Abramos parênteses para uma curiosidade. Maxfield acabou não ficando no Movimento Metodista. Talvez empolgado com o próprio sucesso, acabou criando formas diferentes de adoração e pregação, deixou o Movimento anos mais tarde, se bem que Wesley nunca tenha deixado de ser seu amigo.

Com o bom trabalho dos leigos, que abriam novas frentes de trabalho e fizeram o

movimento crescer muito, Wesley não fazia nenhuma distinção entre a pregação e outros serviços dos leigos e dos clérigos. Wesley afirmava: “Dai-me cem pregadores que nada temam senão o pecado, e nada desejem senão a Deus, e não me importaria se fossem clérigos ou leigos. Com eles eu sacudiria as portas do inferno e estabeleceria o Reino de Deus na terra”. Mais tarde, satisfeito com o trabalho dos leigos, diria numa carta: “Clérigos que destroem as almas me põem em mais dificuldade dos que os leigos que as salvam”.

Foi um leigo, Thomas Williams, quem abriu o trabalho em Dublin, na Irlanda. Mais tarde, os pregadores leigos irlandeses Robert Strawbridge e Philip Embury abriram o trabalho metodista na América, o primeiro em Maryland e o segundo em Nova York.. E o primeiro bispo da Igreja Metodista americana, organizada depois da independência dos Estados Unidos foi Francis Asbury, um missionário leigo que aceitou o desafio de João Wesley para ser missionário.

É importante dizer que o papel das mulheres na história do metodismo tem sido um fator muito importante. Wesley confiava muito nelas e algumas se destacaram muito, como a citada Hanna Ball, Mary Bousanquet, esposa de John Fletcher, Ann Bolton, Hester Ann Roe, Elisabeth Ritchie e muitas outras. Era tão grande a preocupação pastoral de Wesley que a maioria das cartas que ele escreveu foi dirigida a mulheres.

O escritor H. B. Workman, citado por Barbieri em seu clássico livro “Uma estranha estirpe de audazes”, diz que “contrariamente ao que sucederia com a Igreja Anglicana, o Metodismo, mesmo privado do seu ministério, poderia assim sobreviver, mas privado de seus obreiros leigos, certamente morreria. Não apenas seu bem-estar mas sua própria existência depende do serviço deles”. E o próprio Bispo Barbieri enfatiza que “na verdade não podemos entender o movimento metodista sem levar em consideração a obra efetiva de tantos que trabalharam em posições secundárias e sem ordenação eclesiástica de qualquer espécie, mas que receberam, sem dar margem à dúvida, a ordenação invisível do Espírito Santo. Porque levar a cabo a obra de Cristo não depende de ordenação humana e sim de uma paixão profunda por Cristo e seu Evangelho”.

Outro notável cristão, o bispo Ensley, autor do livro “João Wesley o Evangelista”, diz que “grande parte do gênio do Metodismo é devida à maneira como Wesley abriu a boca dos leigos e lhes deu grandes responsabilidades”.

Por ser oportuno, vale a pena lembrar que a Igreja Metodista no Brasil, através dos seus documentos oficiais e, principalmente, pela prática dos “Dons e Ministérios”, estabelecida pelo Concílio Geral de 1987, não faz distinção entre leigos e clérigos, entre membros da igreja e pastores e também entre homens e mulheres. Temos hoje no episcopado brasileiro, eleita no Concílio Geral de 2001, uma mulher. Se alguma distinção ainda persiste, não é legal, ferindo o espírito de nossa Igreja. Aliás, é bom relembrar o significado da palavra leigo, que não é o mesmo que se usa para adjetivar alguém que não entende determinado assunto. Na realidade, a palavra leigo origina-se de LAÓS, do grego, que significa povo, no nosso caso, povo de Deus. Assim, em nossa Igreja, apesar da diversidade de dons (carismas) e de ministérios (serviços), não há distinção entre leigos e clérigos e não há nunca superioridade de uns sobre os outros.

O que caracteriza os metodistas ?

O Metodismo proclamou sempre a primazia da experiência pessoal sobre a simples inscrição de uma doutrina. Ele surgiu de uma viva experiência da graça regeneradora de Deus em Jesus Cristo e por meio do Espírito Santo. Por isto, há poucas ênfases doutrinárias. Na realidade, para os metodistas, acima de qualquer divergência em matéria teológica, está sempre a unidade essencial da graça salvadora. Esta é a visão do Apóstolo Paulo, reforçada por Lutero e vivida plenamente por João Wesley.

Essa experiência pessoal, mais do que as formas de governo eclesiástico, ritos de culto ou postulados teológicos, é o que caracteriza o metodista. E esse empenho pela experiência pessoal é que tem feito do Metodismo uma forma equilibrada de cristianismo e vida religiosa.

O Metodismo autêntico se caracteriza, portanto, não só por um avivamento evangélico, mas por um entusiasmo racional, uma espiritualidade equilibrada, um ministério “leigo”, uma evangelização revolucionária e uma disciplina democrática.

Esse equilíbrio do Metodismo vem certamente do equilíbrio emocional e religioso de João Wesley. Ele criticava, conforme se vê no sermão doutrinário “Da natureza do entusiasmo”, a pretensão de alguém em receber revelações diretas e privadas da parte de Deus, como visões, poder milagroso na oração ou na pregação, dons de curar, etc. E condenava esse fanatismo que provém, são suas palavras, “de uma desordem mental, e uma desordem tal que interrompe mui seriamente o uso da razão e que não só escurece mas que cega os olhos do entendimento. A religião é o espírito de uma mente sã e, portanto, está diametralmente oposta a toda classe de demência”.

Uma outra característica do Metodismo é a alegria de seus membros ao participarem da grande aventura da Fé. Para Wesley, “a religião carrancuda é a religião do maligno”. Para os Metodistas, Deus está bem próximo do homem, em presença, em simpatia e em revelação, apto para ajudar-nos quando a aflição nos oprime. Isto é, sem dúvida, motivo de muita alegria. Cristo, para os Metodistas, não é apenas uma figura teológica mas uma resposta efetiva às necessidades básicas do homem. Wesley nunca gastou tempo com doutrinas a respeito de Cristo. Na realidade, ele ia muito mais longe, ele oferecia Jesus como Salvador.

“Nunca tenho medo de esperar demais de Deus”, dizia Wesley. Esse otimismo – herança de todos os Metodistas – é psicologicamente sadio e teologicamente válido.

A grade ênfase é a salvação pela graça. Wesley menciona três formas de graça, que se completam em nossa vida religiosa. A primeira delas é a preveniente ou preventiva. Isto é, a que veio antes. Como dizia o Apóstolo João em sua primeira carta: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro”.(I Jo: 4:19). Essa graça é ação do Pai criador. Uma outra forma, é a graça justificadora. Essa graça é ação do Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, Deus feito carne, que habita entre nós. Por nossos pecados, isto é, para justificação de nossos pecados,

Jesus Cristo morre por nós. Justificação é perdão. Assim, segundo a promessa bíblica, “já que nos reconciliou no corpo de sua carne, mediante a sua morte, para nos apresentarmos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis” (Cl:1:22). A terceira forma de graça é a santificadora. Esta graça é uma ação do Espírito Santo em nossa vida, consolando-nos, fortalecendo a nossa fé e confiança em Deus e habilitando-nos, a cada dia, a ser melhores cristãos e procurar “ser perfeito como nosso Pai Celestial é perfeito”. Essa é a base da doutrina da Perfeição Cristã, que é muito grata aos metodistas. Como diz Ensley, “em nosso desenvolvimento religioso nós começamos a conhecer Cristo através do nosso contato com a Bíblia e com a comunidade cristã. Depois o aceitamos pela fé, que ocorre na conversão. Finalmente o incorporamos, isto é, reproduzimos, tanto quanto a nossa natureza o permite, a Encarnação que estava nele. Os dois primeiros estágios ficam incompletos sem o terceiro. Wesley não se cansava de dizer às suas sociedades vacilantes que elas nunca prosperariam enquanto não avançassem da conversão à santificação”.

Essa perfeição cristã foi definida por João Wesley de cinco formas diferentes, que se completam perfeitamente:

1. “Amar a Deus de todo o coração”.
2. “Ter coração e uma vida totalmente devotados a Deus”.
3. “Recuperar a imagem integral de Deus”.
4. “Ter a mente de Cristo”.
5. “Andar uniformemente como Cristo andou”.

Como se vê, as doutrinas básicas do Metodismo são todas eminentemente bíblicas. Nelas não há nada que não esteja absolutamente comprovado nas páginas da Bíblia. O próprio Wesley dizia: “as minhas doutrinas são simplesmente os princípios fundamentais do cristianismo”.

Nas Regras Gerais, Wesley sintetizava o comportamento do verdadeiro metodista. A primeira delas, é “não praticar o mal”; a segunda, “zelosamente praticar o bem”; a terceira, “atender às ordenanças de Deus”. Nossos Cânones divulgam nossas doutrinas e nossos costumes, estes representados pelas Regras Gerais. Não se trata apenas da síntese acima mas relaciona atitudes que são esperadas daqueles que professam a sua fé na Igreja Metodista. Seguir as Regras Gerais é, desde os tempos de João Wesley, uma das características do verdadeiro metodista.

Wesley e o Batismo

O batismo é um sacramento muito importante para os metodistas. Para João Wesley, esse era um assunto tão importante que ele escreveu um “Tratado sobre o Batismo” (A Treatise on Baptism), baseado em material escrito por seu pai, que valeria a pena ser traduzido e publicado. No seu escrito, de 11 de novembro de 1756, Wesley, com base na Bíblia, na história e no uso da razão, esclarece todas as dúvidas que poderíamos ter sobre ele.

Temos visto em algumas das igrejas metodistas no Brasil, por influência neo-pentecostal, a introdução de práticas absolutamente contrárias à interpretação metodista da

Bíblia. Uma delas é o batismo por imersão. A outra, em decorrência da primeira, é a negativa do batismo infantil.

Em seu citado tratado, Wesley se coloca veementemente contrário à prática do batismo por imersão, acreditando – e provando – que o costume apostólico era o batismo por aspersão. Na realidade, essa posição de Wesley não invalidava as outras formas de batismo, como derramamento e imersão, que o metodismo sempre aceitou como válidas, especialmente no caso de pessoas batizadas em outras igrejas que se tornam metodistas ou que, por razões próprias, desejem o batismo por elas. O próprio Wesley menciona em seu diário uma ocasião em que batizou sete adultos, sendo dois deles por imersão.

Wesley acha que a Bíblia não determina que método deve ser usado, enfatizando que “não pode ser provado pela Escritura que mesmo o batismo de João tenha sido por imersão”. Apesar de não achar crucial a forma de batismo, Wesley, com sólidos argumentos, acha que “a maneira de batizar (se por imersão ou aspersão) não está determinada na Escritura. Não há nenhuma ordem de usar uma em lugar da outra. Não há nenhum exemplo pelo qual nós possamos concluir pela imersão em lugar da aspersão”.

Da mesma forma, Wesley é absolutamente favorável ao batismo de crianças. Ele termina o seu tratado afirmando: que “é do nosso estrito dever, em conformidade com a ininterrupta prática de toda a Igreja de Cristo desde os mais antigos tempos, consagrar nossas crianças a Deus pelo batismo, da mesma forma que os judeus eram ordenados a fazer pela circuncisão”.

O Metodismo e a Santa Comunhão

Para os metodistas, a comunhão é um dos mais importantes meios de graça. Wesley assim os define: “Por meios de graça entendo os sinais exteriores, palavras ou ações ordenados por Deus, e designados para esse fim, para serem os canais ordinários pelos quais Ele comunica aos homens a graça preveniente, justificadora e santificadora”. Os outros meios de graça valorizados por Wesley são a leitura da Bíblia e a oração.

Em seu sermão nº 101, “O dever da comunhão constante” (The “Duty of Constant Communion”), ainda não traduzido, Wesley recomenda ao cristão receber o sacramento o mais freqüentemente possível. A primeira razão, diz ele, é que isto é uma ordem de Jesus: “façam isto em memória de mim”. Por esta ordem, os apóstolos foram obrigados a abençoar, partir e oferecer o pão a todos os que se unirem a eles.

A outra razão da prática freqüente da comunhão é por causa dos benefícios que, na ceia, recebemos, “como o perdão de nossos pecados passados, o fortalecimento nosso no presente e o refrigério de nossas almas. A graça de Deus que é transmitida através da ceia confirma o perdão de nossos pecados e nos capacita a erradicá-los de nossa vida”. Para João Wesley, “a nossa participação na comunhão é um ato de misericórdia por parte do nosso Deus”.

A prática histórica da Igreja Metodista é de observância de um Ritual de Comunhão,

com ênfase na oração de confissão de pecados, na declaração do perdão divino e na consagração dos elementos do pão e do vinho. A substituição do Ritual de Comunhão por orações extemporâneas não é da boa prática metodista. Segundo as normativas da Igreja para celebração de cerimônias do ritual, “a Ceia do Senhor será celebrada de acordo com o Ritual estabelecido pela Igreja. Por motivo de força maior, a juízo do ministro oficiante, o Ritual poderá ser alterado, preservando-se na liturgia, contudo, as partes referentes à confissão de pecados, declaração de perdão divino, e consagração dos elementos do pão e do vinho”. Como as normativas indicam, essas alterações só podem ser feitas em virtude de força maior e, portanto, não devem ser prática rotineira.

O Metodismo e a Música

A música é uma parte muito importante do Movimento Metodista, que deve a ela certamente muito do seu êxito. Antes dele, não havia nem hinário na Igreja Anglicana, a música ficando limitada ao cântico de salmos, apesar de já existir, composto por Lutero, o vibrante hino “Castelo forte é nosso Deus”.

A música no Metodismo se deve muito o trabalho de Carlos Wesley, irmão de João Wesley. Carlos gostava de música e compôs mais de cinco mil hinos, sendo conhecido como o “arauto melodioso”. Alguns deles ainda são cantados hoje em nossa Igreja, como o “eis dos anjos a harmonia (HE 11). O seu hino mais famoso é o “mil línguas eu queria ter”, composto para comemorar o primeiro aniversário de sua experiência religiosa. Ele faz parte do “Hinário para o Culto Cristão”, o novo livro de hinos da Igreja Batista. Na maioria dos hinários metodistas em todo o mundo esse hino é o número 1, da mesma forma que no hinário editado por João Wesley em 1779.

Na introdução desse hinário, Wesley nos dá sete regras para o cântico de hinos, a partir da recomendação de aprender bem a letra e a melodia. João Wesley diz que as letras dos hinos não deve ser alterada. Deve-se, segundo ele, cantar com modéstia, isto é, não cantar mais alto do que os outros e, assim, destruir a harmonia da música. Para isto, deve-se cantar “no tempo”, isto é todos juntos. Acima de tudo, Wesley recomenda que se cante espiritualmente. “Tenha um olho em Deus em cada palavra que você canta. Procure satisfazê-Lo mais do que a você mesmo ou a outra criatura”. Finalizando suas regras, Wesley diz: “o seu cântico deve ser de tal ordem que o Senhor o aprove aqui e o premie quando vier nas nuvens do céu”.

Conclusão

Não caberia nesta pequena publicação ir mais longe na narrativa de alguns aspectos de nossa história e de nossa fé. Metodista – ler ou não ser. Para que conheçamos melhor o porquê de sermos metodistas, é preciso ler sobre nossa história e conhecer com mais profundidade os pontos principais de nossa Igreja, suas ênfases doutrinárias, os sermões de Wesley e muita coisa mais. Essa é uma tarefa que só dará prazer e nos permitirá conhecer mais sobre os fundamentos de nossa Igreja.

Vale a pena transcrever aqui precioso pensamento de Outler em seu livro já citado ,

sobre a nossa responsabilidade no crescimento espiritual: “A tarefa de viver nas Escrituras e nos últimos acontecimentos da situação humana é uma tarefa formidável e exigente, que não é para o covarde ou preguiçoso. Por isto, o verdadeiro wesleyano não se conformará com nada menos do que isto em seu programa pessoal de crescimento. Isto significa viver nas Escrituras e tomá-las como fonte de inspiração e, é claro, de revelação! Significa aprender a pensar biblicamente. E, ainda mais, significa compreender as lições adquiridas por cristãos de outros tempos e outras circunstâncias, em sua luta para encontrar ‘um evangelho verdadeiro para esta era’, qualquer que ela possa ser. Significa estar alerta e ter sensibilidade para captar cada novo desenvolvimento cultural do horizonte humano sem chegar a ser “tendencioso” ou ser presa fácil de ‘qualquer vento de doutrina’ (Ef 4:14). Significa ter profunda confiança nessa nutrição interna da alma e da mente que vem do testemunho interno que o Espírito Santo nos dá. “Não um espírito de covardia mas de poder, de amor e domínio próprio”, como está muito bem dito por Paulo em 2 Tm 1:7.

A história do “Povo chamado Metodista”, como Wesley costumava chamar o Metodismo, tem sido realmente uma *Linha de Esplendor sem Fim*. Se o paciente leitor, ou leitora, ainda não faz parte do Movimento Metodista, venha conhecer-nos, venha dar a sua colaboração para a edificação de um mundo novo, onde reinem a alegria, a paz e a justiça. Se você já é um Metodista, sinta-se orgulhoso de sua história e não permita, com seu trabalho e dedicação, que seja interrompida essa *Linha de Esplendor sem Fim*.

• • •

Uma seleção de frases de João Wesley:

“Nada a fazer a não ser salvar almas”

“Leia toda a Escritura no mesmo espírito no qual ela foi escrita”

“Não é seguro viver sem amor”

“Um metodista descansa em Deus com gratidão, tudo lhe pedindo em oração. Na verdade ele ora sem cessar. É-lhe dado orar em todo o tempo e não desanimar”

“As marcas distintivas de um metodista não são as suas opiniões de qualquer sorte... Um metodista é alguém que tem o amor de Deus no seu coração, pelo Espírito Santo que lhe foi dado”

“Deixe a razão fazer tudo o que ela pode”

“A oração é o remédio dos remédios”

A missão do Metodismo: “Reformar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica pela Terra”

“Ninguém descansa sobre algum suposto testemunho do Espírito separado dos seus frutos. Se o Espírito de Deus realmente testifica de que somos filhos de Deus, as conseqüências imediatas são o fruto do Espírito – amor, alegria, paz, longanimidade, meiguice, bondade, fidelidade, mansidão e temperança”.